UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia

Monografia

TRÊS DÉCADAS DE HISTÓRIA: AS MUDANÇAS NAS PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA, PELOTAS-RS (1982-2010)

Rafael Macedo Zitzke

Pelotas, 2010.

Rafael Macedo Zitzke

TRÊS DÉCADAS DE HISTÓRIA: AS MUDANÇAS NAS PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA, PELOTAS-RS (1982-2010)

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia

Orientadora: Profª. Drª. Carla Gastaud

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Profª. Drª. Carla Gastaud (orientadora)

_____

Profª. MSª. Andréa Lacerda Bachettini

_____

Pelotas, 2010

Dedico este trabalho à minha mãe Marilaine, que sempre esteve presente em todas minhas dificuldades e desafios enfrentados, sempre teve confiança e orgulho em tudo que fiz, me apoiando e me incentivando, sendo mais do que mãe, uma amiga.

Agradecimentos

Gostaria de deixar claro que este momento não tem o intuito de enobrecer ou enaltecer alguém, pois todos aqui citados são pessoas importantes em minha vida e de uma forma ou de outra impulsionaram e motivaram o meu trabalho seja no campo profissional ou no pessoal. Peço desculpa aqueles em que não citei o nome, mas que sabem que são pessoas especiais e que de alguma forma estão representadas neste trabalho, seja em um “Happy Hour” para desopilar as tensões, seja em um almoço familiar, ou simplesmente uma conversa acolhedora e aconselhadora.

Agradeço aos meus pais em primeiro lugar, pois sem o apoio deles não teria chegado até aqui. Por vezes sei que estivemos mais distanciados do que em outros momentos, mas muitas vezes por opção minha, pois sempre estiveram presentes e dispostos a me ajudarem.

Aos meus irmãos pelo apoio e companheirismo sempre que possível e também as minhas cunhadas e sobrinha. Em especial o Guilherme e a Liane que por questões de tempo e de disponibilidade tivemos, mais tempo para rir, discutir, viajar, brigar, e festejar.

A minha família em geral por se preocuparem, por torcerem e vibrarem por essa conquista, que segundo eles será a primeira de muitas.

Aos meus amigos por me ouvirem, por me ajudarem e por me apoiarem sempre, e acreditarem que seria possível concluir este trabalho, e em seguida poder comemorar com eles, em especial a Denise, a Luene, o Filipe, a Quelem, a Clarissa e o Roger que foi mais do que amigo, um companheiro para todos os momentos, onde apostou todas as fichas que eu chegaria até aqui.

Aos meus colegas que passaram por todas as dificuldades e provações junto comigo, descobrimos juntos o que significa o trabalho museológico, que, sobretudo é um trabalho infinito e respeitável. Existem aqueles que de alguma forma quase imperceptível passaram a fazer parte da minha vida e hoje são considerados meus amigos, pois com eles aprendi um pouco mais sobre o que é ser humano, justo e leal e com certeza irão estar sempre presente em minha trajetória, em especial a Vanessa, a Giovana, e a Letícia.

A todos que compõem o corpo docente do Curso de Bacharelado em Museologia por compartilharem seus conhecimentos e proporcionarem os meios para que possa me tornar um profissional qualificado.

A minha orientadora Carla Gastaud por me ouvir, por me ajudar e por esclarecer todas as dúvidas existentes até qui, onde pude produzir este trabalho de forma mais profissional e qualificada, pois soube respeitar minhas limitações e também me ajudar a organizar todo o corpo deste trabalho, para que houvesse mais clareza e facilidade na sua leitura.

A Angelita, secretária executiva do Curso de Museologia, por ter sido uma segunda mãe de muitos de nós, por ter me mostrado que podemos encontrar muitas dificuldades pelo caminho, porém onde temos amigos fica mais fácil trilhar novos rumos, e também por sua dedicação e profissionalismo que proporcionou chegarmos ao final do curso.

A equipe de profissionais do Museu Municipal Parque da Baronesa, onde pude exercer todo o conhecimento adquirido até aqui, especialmente a diretora Annelise Montone, por proporcionar que este trabalho fosse realizado, permitindo o livre acesso para a pesquisa na instituição e sempre se disponibilizando a ajudar.

Enfim agradeço a todos que percorreram um pouco deste caminho comigo até aqui, a todos vocês o meu MUITO OBRIGADO!

“O tempo é muito lento para os que esperam,

muito rápido para os que têm medo,

muito longo para os que lamentam,

muito curto para os que festejam,

mas para os que amam o tempo é eternidade.”

(William Shakespeare)

Resumo

ZITZKE, Rafael Macedo. **Três Décadas de História: as mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas-RS (1982-2010)** 2010. 46f. Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

Resumo: Nessa monografia pretendeu-se registrar quais foram as mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa ao longo de sua existência. Buscou-se enfatizar os processos de higienização, de acondicionamento e de manutenção de acervos.Para melhor detalhar as práticas exercidas foram realizadas além da pesquisa bibliográfica, entrevistas e análises de dados em diários de campo da instituição e trazendo sempre presente a importância de profissionais qualificados para as diversas áreas de uma instituição museológica.

Palavras-chave: Museu. Conservação Preventiva. Museu da Baronesa. Práticas de Conservação.

Abstract

ZITZKE, Rafael Macedo. **Three Decades of History: The changes in practice of preventive conservation in the Municipal Museum of the Baroness Park, Pelotas –RS (1982-2010)** in 2010. 46f. Monograph, Bachelor of Museology, University of Pelotas. Pelotas, Brazil.

In this thesis we set out to record what were the changes in the practice of preventive conservation park in the Municipal Museum of the Baroness. We tried to emphasize the processes of cleansing, conditioning and maintenance acervos. Para better detail the practices carried out was done beyond the literature review, interviews and analysis of data in field diaries of the institution and bringing in mind the importance of skilled for the various areas of a museum institution.

Keywords: Museum. Preventive Conservation. Museum of the Baroness. Practice of Conservation.

Lista de Figuras

Figura 1: Fotografia da fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa.....16

Figura 2: Gráfico com número de visitantes do Museu da Baronesa 2008... 19

Figura 3: Fotografia que retrata o acondicionamento de acervos em roupeiros da coleção do Museu da Baronesa..... 32

Figura 4: Fotografia da década de 1980, retratando a utilização indevida do acervo 33

Figura 5: Fotografia da Reserva Técnica do Museu da Baronesa antes do "Projeto da Caixa de adoção de Entidades" de 2006. 36

Figura 6: Fotografia da higienização do acervo 37

Figura 7: Fotografia da ReservaTécnica atual do Museu da Baronesa. 38

Figura 8: Fotografia da pintural mural antes da intervenção.....43

Figura 9: Fotografia da pintura mural após a intervenção realizada em 1982.....43

Figura 10: Fotografia que retrata a degração natural da Chácara antes da doação à Prefeitura de Pelotas em 1982.....44

Sumário

Introdução **12**

CAPÍTULO 1: O Museu Municipal Parque da Baronesa: seu acervo e sua importância **16**

1.1 Breve histórico 16

1.2 O acervo e os trabalhos museológicos da instituição. 20

CAPÍTULO 2: A conservação preventiva e suas práticas aplicadas ao longo dos anos no Museu da Baronesa. **23**

2.1 As aplicações e a importância da Conservação Preventiva executada por profissionais qualificados. 23

2.2 As práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa. 25

CAPÍTULO 3: As mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa **28**

3.1 No Século XX (décadas de 1980 e 1990)..... 28

3.2 No Século XXI (de 2001 a 2010)..... 35

Considerações Gerais **41**

Anexo 01..... **43**

Anexo 02.....**44**

Fontes Primárias..... **45**

Referências Bibliográficas **46**

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa monográfica registra as mudanças nas práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa, utilizando para isso dados referentes às atividades de conservação realizadas na instituição entre o final do século XX e o início do século XXI. Ao mesmo tempo mostra a importância de trabalhadores especializados dentro de uma instituição museológica, o que torna o trabalho realizado em relação ao acervo mais específico e capacitado.

O que motivou esta pesquisa foi o estágio que realizei na instituição desde o ano de 2007, que me deu a oportunidade de notar que os trabalhos em uma instituição museológica vão além de expor e comunicar acervos, percebi que os bastidores de um museu são realmente o local onde gostaria de exercer meu trabalho. De fato descobri que este trabalho é interminável e contudo adorável, com sérias dificuldades, porém qual profissão não enfrenta dificuldades? Mas com estas é que aprendemos a crescer e desenvolver melhor nossas próprias opiniões e muitas vezes somos criticados por isso, e a partir destas críticas é que vamos formando o profissional que esperamos ser um dia, foi com este espírito que desenvolvi este trabalho.

Nunca havia parado para pensar que, como nas apresentações de teatro, de dança, existem também os bastidores de um museu. Pode se pensar que camareiros, maquiadores e diretores, se igualam a conservadores, museólogos e pesquisadores de diversas áreas que lutam para desenvolver um trabalho qualificado e específico para cada público, para acomodar e gerir espaços, para conservar e prolongar a vida dos objetos, para registrar e organizar coleções e assim por diante, um trabalho de certa forma invisível, mas essencial para que a instituição cumpra seu papel.

Foi onde percebi que o pouco que fazemos é muito comparado ao quase nada a que os museus da região estavam acostumados. E nada melhor que o Museu da Baronesa para representar essas realidades, uma mescla de passado com um choque de realidade, onde nem tudo se passa aos olhos do público, mas para que aconteça tudo de forma a representar o belo, muitas dificuldades e tensões são vividas.

Para desenvolver este trabalho é válido explicar que os museus surgiram a partir do conceito de colecionismo, entre os séculos XVI e XVII, e por muitos anos, tiveram a preocupação de apenas coletar e expor acervos, contando somente com áreas de exposição. Nestas instituições, as práticas da conservação preventiva se davam de forma geral, a partir

dos métodos utilizados na limpeza doméstica, por exemplo, e não havia um trabalho especializado ou instruído para higienização e acondicionamento de acervos.

Hoje a concepção predominante de conservação dos bens culturais pode ser compreendida como, uma soma de medidas tomadas para retardar ao máximo o processo de degradação dos objetos, a partir de "interferências" que não alterem a originalidade da peça, mas ainda acontece destas práticas serem realizadas de forma geral e sem o mínimo de instrução adequada. Também se sabe que estas práticas devem ter um desenvolvimento contínuo e perseverante, pois não é possível evitar a degradação dos objetos ao longo dos anos, mas sim retardar esse processo devido a essa continuidade.

A instituição pesquisada é o Museu Municipal Parque da Baronesa que se localiza em Pelotas – RS, na Avenida Domingos de Almeida, 1490, no bairro Areal. Seu acervo é de tipologia histórica, possui em sua composição uma grande diversidade de materiais, tais como têxteis, mobiliário, pinturas, pratarias, louçarias, entre outras. Essa instituição pretende mostrar os usos e costumes da elite pelotense, no final do século XIX e início do século XX, e está aberta ao público desde 1982.

A pesquisa analisou dados referentes a conservação preventiva no Museu da Baronesa, e está enfocada apenas na instituição, parte de conceitos gerais de conservação, para posteriormente enfocar-se num registro e análise pontuais no museu. Não era objetivo deste trabalho e não se buscou comparar as práticas aplicadas no Museu da Baronesa com as de outras instituições.

A pesquisa deu-se dentro de um recorte temporal que se inicia na década de 80 do século XX e estende-se até os dias de hoje, e está relacionada ao espaço em que acontecem as práticas de conservação preventiva - acervo em reserva técnica e acervo exposto – com foco nos processos de segurança e de manutenção de acervo.

No desenvolver do trabalho foi constatado que nas décadas de 1980 e 1990 quase não houve alterações nas práticas exercidas com o acervo e, por isso, as atividades desenvolvidas neste período foram tomadas de forma uniforme. A primeira década do século XXI (de 2001 até 2010) foi considerada em separado, pois se pôde notar que houve uma margem maior de mudanças nas práticas de conservação adotadas no Museu da Baronesa. Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizadas entrevistas e documentos relacionados a esta área, tais como diários de atividades e minha própria experiência dentro da instituição[1].

[1] Faço parte do quadro de profissionais do Museu Municipal Parque da Baronesa desde setembro de 2007, como estagiário voluntário, e me encontro como estagiário bolsista pela Prefeitura Municipal de Pelotas desde setembro de 2008.

É de suma importância, que haja o registro das práticas de conservação preventiva, dentro das instituições, pois este serve de base para um bom diagnóstico e controle de manutenção de acervo. Por isso este trabalho se torna necessário, porque este registro servirá como suporte de pesquisa e documentação para a instituição, que sendo vinculada ao poder público municipal, sofre interrupções de continuidade a cada nova administração eleita.

No Museu da Baronesa o trabalho de conservação preventiva, o manuseio e o acondicionamento de acervos se dão de forma empírica, de acordo com as diferentes áreas de formação dos profissionais vinculados à instituição, isto devido o quadro de profissionais ser composto em sua maioria por estagiários das universidades locais e não por funcionários contratados ou aprovados em concurso para o próprio museu.

Para conduzir este trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando de teóricos como Luciana da Silveira, Marylka Mendes, Luiz Antônio Cruz Souza, Alessandra Rosado, Cícero Antônio Fonseca de Almeida, Yacy-ara Froner, entre outros, onde se buscou estabelecer uma fundamentação teórica básica, essencial tanto para esta pesquisa como para as atividades realizadas no Museu da Baronesa.

Após a revisão bibliográfica, a etapa seguinte foi um levantamento dos registros das práticas de conservação preventiva existentes no Museu Municipal Parque da Baronesa, através de documentos escritos e da realização de entrevistas orais com antigos funcionários da instituição. Nessas entrevistas foram pontuados os principais itens de interesse deste trabalho, como por exemplo, as formas de higienização, acondicionamento e segurança de acervos, trazendo peculiaridades de cada experiência realizada ao longo desses anos. As entrevistas foram de caráter aberto, com um roteiro elaborado apenas para dar orientação e foco à pequisa realizada.

Foram utilizados cadernos e diários de campo que se encontram na parte administrativa da instituição e que estão disponíveis para estudo. Nestes documentos diários foi possível diagnosticar problemas recorrentes em toda trajetória da instituição, através deles se pôde ter acesso a informações diferentes das que foram recebidas nas entrevistas, especificidades que nos relatos orais acabam se perdendo. O contrário também é verdadeiro, as entrevistas elucidaram aspectos pouco claros, ou mesmo ausentes, da documentação escrita e contribuíram de forma significativa para esta pesquisa.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No capítulo I se apresenta a instituição onde se realizou a pesquisa, sua função, sua importância para a cidade de Pelotas, alguns dados referentes à visitação que recebe e ao seu potencial turístico e os trabalhos museológicos ali desenvolvidos. No capítulo II se conceitua a conservação preventiva

baseada em teóricos da conservação. Se afirma a importância da instituição contar com trabalhadores com formação específica nesta área e em seguida se inventariam as práticas de conservação no Museu da Baronesa, se traça um histórico de como se desenvolveram tais práticas, e se faz a apresentação dos profissionais que desenvolveram este trabalho. No capítulo III se mostram quais foram as mudanças nas práticas de conservação preventiva ao longo dos anos de existência da instituição, o que possibilita uma reflexão sobre estas práticas em especial.

O resultado deste trabalho poderá servir como registro e base para novos procedimentos voltados à conservação preventiva na instituição, facilitando novos estudos e também dando abertura para a sequência deste trabalho por futuros profissionais, que pretendam de alguma forma relatar tais processos.

CAPÍTULO 1: O MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA: SEU ACERVO E SUA IMPORTÂNCIA.

Figura 1 : Museu da Baronesa: Foto: banco de dados do Museu da Baronesa

O Museu da Baronesa é uma instituição pública que abriga uma coleção em uma edificação aristocrática do final do século XIX. Possui uma identificação com a sociedade pelotense e hoje está incluído em seu roteiro turístico, como um dos ambientes que representam a sua história.

1.1 - Breve histórico da instituição

A instituição foi inaugurada ao público em 25 de abril de 1982 e foi recebida em forma de doação à Prefeitura Municipal de Pelotas em 1978, o museu se localiza em Pelotas – RS, no Bairro Areal, 1490. A propriedade pertenceu a Família Antunes Maciel, que teve grande importância para a cidade de Pelotas. Após a doação, o prédio passou por uma série de adaptações, como se pode ler no site do Museu[2]:

> Doado pela família Antunes Maciel a Pelotas em 1978, através de um convênio firmado com a prefeitura, o prédio passou por quatro anos de reformas, que foram orientadas pelo artista plástico e restaurador pelotense Adail Bento Costa. O museu foi então inaugurado em 25 de abril de 1982, possuindo em seu acervo peças das coleções da família Antunes Maciel, de Adail Bento Costa, doações diversas da comunidade e uma coleção da Sra. Antonia Sampaio.

[2] O site do museu é: www.museudabaronesa.com.br. O Museu da Baronesa dispõe no site, de dados referentes à instituição, como também de fotografias. Oferece também uma visita virtual ao museu. Acessado em 05/05/2010.

Hoje, o museu está vinculado ao organograma da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas - SECULT e, desde 1995, conta com o apoio da Associação de Amigos do Museu da Baronesa – AMBAR.

Os museus tiveram sua origem entre os séculos XVI e XVII, a partir da idéia de colecionismo, com os gabinetes de curiosidades, que em sua maioria pertenciam à nobreza e a navegadores que tinham a possibilidade de se deslocarem para adquirir sua coleção.

Dentro deste ambiente de colecionismo é que se originou o conceito de museu. No começo os gabinetes de curiosidades serviam apenas, para guardar coleções que de alguma forma conferiam prestígios ou representavam lugares ou memórias pessoais dos colecionadores, não havia uma preocupação com a exposição ou com o modo de armazenagem e também não havia pesquisa e catalogação de peças, como diz Helga Cristina Gonçalves Possas:

> Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. Ainda não existe uma preocupação nítida com a classificação, a nomeação de tudo o que se descortina diante desses homens. Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a idéia da existência de "outros". (POSSAS, 2005: 151)

Os gabinetes de curiosidades eram mantidos como objeto de ostentação, de poder e de riqueza, na maioria dos casos eram coleções particulares e não recebiam visitas a não ser quando com a finalidade de exibicionismo de poder, e esta situação se estendeu até o final do século XVIII.

Durante o século XVIII com as revoluções burguesas houve um processo em que tais coleções foram aos poucos sendo abertas a visitações e já no século XIX adquiriram a característica de museu, ou seja, tornaram-se públicas algumas dessas coleções privadas com o intuito de expor os objetos com uma temática proposta e uma organização do acervo, aberto ao público em geral.

No século XX os museus de forma geral, tiveram um desenvolvimento notável, muitas das coleções particulares se tornaram instituições públicas que representavam as sociedades, e assim se formaram os primeiros Museus Nacionais no Brasil, como o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes. Com este desenvolvimento das instituições museológicas nacionais, houve um crescimento de museus regionais que representavam uma parcela menor da população.

Seguindo estes conceitos que partiram do colecionismo para a criação dos primeiros museus, o Museu Municipal Parque da Baronesa, tem uma história que deve ser preservada e transmitida à sociedade, para que cumpra assim seu papel como uma instituição museológica.

O casarão que abriga o Museu, conhecido atualmente como o "Solar da Baronesa"[3], foi construído em 1863, a mando do Coronel Anníbal Antunes Maciel, como presente de casamento ao seu filho também Anníbal Antunes Maciel, o futuro Barão de Três Serros, com Amélia Hartley de Brito, que viria a ser a Baronesa de Três Serros. Isto aconteceu na época em que Pelotas vivia o grande apogeu das charqueadas, e também em que muitos filhos de charqueadores iam estudar na Europa, e assim trouxeram o conhecimento das ciências, das artes e das letras, Pelotas acabou por se tornar conhecida pela cultura representada principalmente pela arquitetura exuberante que se espalha pela cidade[4].

O Barão era pecuarista e recebeu seu título do Imperador D. Pedro II, em reconhecimento por ter participado do ato que emancipou os escravos de Pelotas em 1884. A Baronesa era carioca, e costumava passar os invernos com sua família no Rio de Janeiro, para onde todos os membros se transferiram aos poucos após a morte do Barão, dando assim a característica de casa de veraneio ao Solar.

Desde este período até a data de doação ao Município de Pelotas a chácara pertenceu aos mesmos proprietários. Ali viveram três gerações da família Antunes Maciel, sendo que a última geração já nem residia em sua maioria em Pelotas, tornando assim difícil a manutenção e conservação do casarão. O Sr. Oswaldo Antunes Maciel, bisneto dos Barões, em entrevista[5] a equipe do Museu da Baronesa, relata que devido a esses empecilhos, e também pelo interesse que a família tinha de preservar o solar, se deu a doação da chácara e de alguns de seus pertences pessoais, como mobília, pinturas, documentos, objetos de decoração e utensílios domésticos, para a cidade de Pelotas, com o intuito de que o espaço servisse como elo da memória pelotense com o requinte do século XIX através da Família Antunes Maciel.

Da data da doação, em 1979, até a inauguração, em abril de 1982, a edificação passou por extensas obras de recuperação. Todo o reboco foi refeito, assoalhos foram trocados, aberturas e telhados foram recuperados e refeitos quando necessário. Diversas características do casarão foram alteradas, devido a uma determinada concepção de restauro e a destruição parcial de algumas salas naquela ocasião, como por exemplo, o Salão de Festas, onde o estilo das janelas e as pinturas floriais internas foram refeitas de forma que ficassem iguais aos demais ambientes.

---

[3] Atualmente, porque para a Família Antunes Maciel a propriedade sempre foi a "Chácara", conforme se pode ler nas cartas da Baronesa de Três Serros que se encontram no Museu da Baronesa.

[4] Conforme: MAGALHÃES, Mário Osório, *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história da cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel/Mundial, 1993

[5] Entrevista realizada em 02/12/2009 e encontra-se disponível no Museu da Baronesa.

Três anos após a inauguração, em 1985[6], o Museu foi tombado como patrimônio histórico municipal, e hoje é importante para a cidade, sendo ponto de referência turística, por contar uma parcela da História de Pelotas, aos turistas e a sociedade local em geral, refletindo os usos e costumes da elite pelotense no final do século XIX e início do século XX, sendo capaz de proporcionar um passeio lúdico a um período do século XIX.

Por causa desta capacidade de contar a história de Pelotas de forma interdisciplinar e comunicacional, o Museu da Baronesa recebe mais de 12 mil visitantes por ano, segundo dados da própria instituição.

Gráfico de visitantes da instituição[7]:

Figura 2 Tabela de visitantes MMPB[8], 2008. Fonte: Arquivo do MMPB.

No gráfico disponibilizado é possível perceber que o maior número de visitantes se encontra no mês de outubro, em que o Museu organiza atividades voltadas à data comemorativa ao dia das crianças.

Mesmo fora desta data, as escolas constituem o maior público frequentador, pois se utilizam do museu como ferramenta para educação e conhecimento, proporcionando aos alunos uma forma dinâmica de aprendizagem. Com este pensamento a instituição acaba por desenvolver um papel de educador, de formador de opiniões e fonte para futuras pesquisas.

---

[6] Tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural – COMPHIC em 3 de julho de 1985, que foi aprovado pela lei nº 2.708.

[7] Gráfico feito no ano de 2009 por Larissa Venzke e Helem Kaufmann, foi utilizado apenas o ano de 2008 para exemplificar o número de visitantes recebidos pelo museu, que de acordo com a instituição esses dados são gradativos a cada novo ano.

[8] MMPB, sigla utilizada para Museu Municipal Parque da Baronesa.

1.2 – O acervo e os trabalhos museológicos da instituição

O Museu da Baronesa abriga hoje mais de 2600 peças tombadas que compõem o seu acervo e mais de 500 peças recebidas por empréstimos. Este acervo é todo de caráter histórico, e proporciona ao museu compor um ambiente similar aquele em que as famílias da elite pelotense viviam no final do século XIX e início do XX.

Dentro desse número expressivo de peças de acervo se pode encontrar vários tipos de objetos entre eles mobiliários, têxteis, pinturas, esculturas, porcelanas, vidros, pratarias, louças e documentos. Estes objetos por sua vez são constituídos por diversos materiais, como madeira, metal, papel, tecido ou couro, o que torna bastante complexo, e por vezes difícil, o trabalho que o museu desenvolve em relação à conservação dos bens culturais, pois quanto maior a diversidade de materiais, maiores as possibilidades de degradação. Cada um destes materiais apresenta diferentes exigências em relação às condições de umidade, temperatura e luminosidade e as formas de exposição e armazenagem, por exemplo, cada um deles é tambem mais ou menos suscetível a agentes destrutivos como fungos, bactérias e insetos.

O quadro de profissionais do Museu é relativamente pequeno comparado ao número de trabalhos a serem realizados em uma instituição museológica, dispõe de dois funcionários para serviços gerais, uma funcionária para cargo administrativo e a diretora geral da instituição. Além dos funcionários, compõem este quadro temporariamente três estagiários do curso de Bacharelado em Museologia[9], contratados pela Prefeitura Municipal de Pelotas, os quais dão andamento aos trabalhos específicos de catalogação, documentação, registro, manutenção, acondicionamento e a todas as práticas de conservação preventiva da instituição relacionadas ao acervo, tanto o exposto, quanto o acondicionado em reserva técnica.

Devido às inúmeras atividades que devem ser desenvolvidas na instituição, muitas vezes os trabalhos com a documentação e a conservação preventiva não conseguem ser desenvolvidos paralelamente de forma igual, e isto acarreta alguns problemas, pois ambos são trabalhos essenciais para o desenvolvimento das demais atividades museológicas, como por exemplo, em uma exposição de curta duração a documentação, a conservação e a pesquisa devem acontecer de forma correta e equiparada, para isso torna-se necessário que haja sempre trabalhadores especializados para as diversas áreas de atuação de um museu.

O Museu da Baronesa como um espaço público que abriga uma coleção, é uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte integrante e que encontra nele elementos que lhe permitem formar e transformar suas opiniões e conceitos, pois a especificidade do museu

[9] O Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas foi criado em 2006, e desde 2007 os alunos da primeira turma estagiam em diferentes instituições da região.

está em dar personalidade, em ser um formador de consciência crítica. Um museu que cumpre este papel é um museu interdisciplinar, ativo na sociedade e que interage com o público.

Logo após sua criação em 1982 o Museu não cumpria totalmente sua função social porque não produzia pesquisa e não gerava a informação, nem efetivava a comunicação necessária para um bom entendimento do público, era uma instituição vinculada a princípios anteriores aos da nova museologia e que não se preocupava com o grande público. Apesar desta imagem ainda prevalecer para algumas pessoas, hoje o museu gera pesquisa e informação através de seu acervo, das exposições de curta duração que são realizadas, dos acadêmicos das universidades da região que procuram na instituição fontes de pesquisas e divulgam as mesmas em trabalhos científicos, e de diversos trabalhos interdisciplinares que proporcionam uma das bases fundamentais nos museus que é a pesquisa, a conservação e a comunicação.

Outra imagem muito vinculada ao museu, aliás, vinculada à maioria dos museus, é a de museu como o lugar de "coisas velhas". Segundo Cícero Antônio Fonseca de Almeida:

> No renascimento, com a profusão de coleções de objetos da antiguidade clássica – como as coleções reunidas pelos papas, que deram origem aos Museus Vaticanos – foi então consolidada a idéia de que os museus não passavam de um depósito de coisas velhas e antigas. (ALMEIDA, 2001: 47)

O Museu da Baronesa tem conseguido se desvincular, com o passar do tempo, desta imagem. Isto pode ser percebido tanto no número de visitantes visto no gráfico anteriormente na página 19, quanto nas inovações que as exposições de curta duração apresentam, como por exemplo, a recente exposição[10] "O brinquedo através dos tempos: a infância na casa da Baronesa", realizada no último trimestre de 2009, que expunha tanto brinquedos antigos do seu acervo quanto exemplares lançados recentemente, retratando que o museu pode sim mostrar coisas atuais que englobe um todo, e que representem uma memória do coletivo estimulando uma maior reflexão sobre qual é a função de um museu.

Segundo o ICOM:

> [...] o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, com a finalidade de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais do homem e de seu ambiente.[11]

---

[10] A exposição foi realizada de 02 de outubro a 30 de dezembro de 2009, e o museu recebeu 3.700 visitantes neste período.

[11] Artigo 3º do Estatuto do *International Council of Museums* – ICOM

O Museu da Baronesa procura se orientar por estas diretrizes e busca um bom desenvolvimento museológico, para isso é necessário sempre haver discussão e planejamento das atividades a serem desenvolvidas. Dentro destas finalidades do museu, a conservação preventiva é um dos pontos chave para o bom funcionamento da instituição, pois sem ela não seria possível preservar até hoje os bens patrimoniais pelos quais os museus são responsáveis.

Com base no que foi exposto é que se desenvolve o próximo capítulo deste trabalho, que enfoca as práticas de conservação preventiva na instituição e ruma para um registro das mesmas.

CAPÍTULO 2: A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E SUAS PRÁTICAS APLICADAS AO LONGO DOS ANOS NO MUSEU DA BARONESA.

A conservação Preventiva é uma das áreas de atuação museológica em que se verifica a necessidade de profissionais qualificados para a execução dos trabalhos, uma vez que os objetos museais são representantes de um coletivo e sua permanência é importante por esta identificação com o público. No Museu da Baronesa os trabalhos voltados à conservação cada vez mais estão sendo aplicados de maneira correta e especializada. Para retratar isto este capítulo apresenta em um primeiro momento os conceitos gerais de conservação e em um segundo momento o trabalho desenvolvido no museu.

2.1 - As aplicações e a importância da Conservação Preventiva, executadas por profissionais qualificados

Apesar de se compreender que a vida relativa de qualquer material é algo variável e vulnerável às condições em que é mantido, a conservação preventiva busca de fato prolongar a vida útil de determinadas obras ou artefatos com o principal intuito de preservar suas características originais, auxiliando assim nos processos de pesquisa, exposição e documentação, pois sabe-se que cada acervo museológico carrega consigo um caráter insubstituível. Os objetos, tendo ou não um apelo estético, trazem consigo uma história e, muitas vezes, desempenham um papel importante na representação coletiva de diferentes grupos sociais.

O Plano de Conservação Preventiva, bases orientadoras normas e procedimentos (do Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal/Lisboa), afirma:

> Nos museus em que os procedimentos são exercidos de forma adequada, periódica e refletida, não raras vezes faltam, contudo, normas escritas que definam e orientem os princípios e as prioridades da conservação preventiva. (2008: 7)

A conservação preventiva é considerada hoje de fundamental importância, pois como já citado anteriormente, através de suas práticas é possível retardar o processo de degradação natural dos objetos e garantir que os mesmos ainda servirão como signos para diversas memórias. O registro das práticas é necessário para que haja como subsidiar pesquisas e consultas, e para embasar um diagnóstico preventivo dentro de cada instituição, pois os agentes de degradação que vulnerabilizam as coleções devem ser sempre mapeados, por isto se torna necessário este diagnóstico, para que as medidas de contenção e controle possam ser tomadas de acordo com suas especificidades.

A conservação preventiva não implica necessariamente em estratégias complexas

acima do orçamento disponível para as instituições de pequeno e médio porte, pois é possível se obter bons resultados, por exemplo, com rotinas de manutenção mecânica, tanto nos prédios em que os museus estão abrigados quanto nas coleções de acervos.

Existem alguns agentes de degração como a umidade relativa elevada, que muitas vezes limita as oportunidades de secagem e aumenta a formação de mofo, de ataques de pragas e de oxidação e corrosão dos metais, como também a incidência da luz solar ou a cobertura por nuvens que interferem no controle de temperatura no interior do edifício e propicia uma oscilação que muitas vezes é prejudicial ao acervo - estes entre outros fatores podem ter seus efeitos reduzidos através deste diagnóstico, e de ações simples no cotidiano do museu que devem ter seu registro em cada atividade realizada.

É indispensável que os museus contem com a presença de profissionais especializados para as diversas áreas que trabalham em contato com acervos, como se pode ler em Tópicos de Conservação Preventiva 03:

> Pessoal técnico desqualificado ou inexistência de pessoal também significa um risco potencial, uma vez que toda ação que envolva o uso de objetos museológicos/documentais depende de conhecimentos específicos. (SOUZA, ROSADO e FRONER, 2008: 04)

Profissionais qualificados são essenciais porque o trabalho de manutenção do acervo é um trabalho que requer que se respeite a alguns procedimentos básicos de conservação, como o uso de luvas, máscaras e aventais, para evitar danos futuros, mas, além disso, como supracitado a desqualificação do profissional que vai manusear um objeto museal, pode acarretar em danos irreparáveis, como a quebra ou rasgo por uso indevido de suporte, ou a perda de um material por uma higienização mais abrupta, entre outros muitos problemas que podem surgir.

É claro que este tipo de problema não ocorre somente com profissionais “desqualificados”, mas o desconhecimento ou a não implementação dos procedimentos de segurança torna os erros e acidentes mais freqüentes e podem acarretar problemas mais graves para quem gerencia tal atividade, como por exemplo, o diretor da instituição.

Este risco é minimizado se o profissional recebeu um mínimo de instrução básica. Através dessas instruções é que se dá o inicio da conservação preventiva especializada, estas orientações podem ser recebidas através de palestras ou de simples manuais de dicas ou regras, pois colaboram para que o profissional esteja sempre capacitado para a execução do trabalho.

Os objetos trazem consigo uma carga significativa de informações que ao longo dos anos pode ser perdida e uma grande parcela dessas perdas seria decorrente de práticas inadequadas de conservação preventiva aplicadas a eles. Fica a cargo dos responsáveis por

esse trabalho dialogar e divulgar a importância da preservação e da conservação e também oferecer oportunidades de formação que qualifiquem os profissionais dentro das instituições museológicas como se pode ler em Froner:

> A gestão para conservação é uma experiência que não se restringe somente aos conservadores/restauradores, mas também ao pessoal de segurança, limpeza, de manutenção predial, além de todo o grupo que pertence ao quadro institucional. (FRONER, 2008: 14)

Para o bom desenvolvimento dos trabalhos realizados em um museu, é necessário que haja sempre um esclarecimento das atividades exercidas nele, deixando claro à toda equipe profissional qual sua finalidade e proposta de execução de tais tarefas, como por exemplo, a conservação preventiva, que depende do todo e não pode ser realizada parcialmente, como na maioria das vezes acontece nas instituições.

2.2 - As práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa

O Museu da Baronesa é uma instituição pública, e seus cargos gerenciais são modificados de acordo com a administração municipal que se encontra no poder. Sendo assim, o trabalho que deveria ter uma execução continuada se torna complicado, pois a cada nova eleição municipal realizada, sofre interrupções, ou seja, a cada novo governo o posto de diretor principalmente, pode ser alterado, dificultando assim um trabalho sequencial.

Os trabalhos ligados diretamente ao acervo, que seriam os trabalhos de conservação, de registro, de pesquisa e de documentação, ficam a cargo basicamente de estagiários que se vinculam à instituição por um período determinado de um, dois ou três anos, acarretando também em dificuldade para desenvolver um trabalho com uma sequência planejada, o que seria o ideal, pois os trabalhos de documentação e de conservação preventiva são trabalhos que não possuem prazo para término, pelo contrário, eles devem ser mantidos de forma constante e sequencial, para que não se tenha perdas e sim ganhos quase que diários.

Ao longo dos anos em que a instituição está aberta ao público, muitos profissionais passaram por diversos setores do museu, e as atividades relacionadas à conservação preventiva se desenvolveram de acordo com essas demandas e trocas de gestão, de forma que a cada nova gestão do museu os procedimentos e as prioridades tomavam cursos diferentes.

As práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa se deram de maneira quase que uniforme durante as décadas de 80 e 90 do século XX, sofrendo algumas diferenças de acordo com as novas informações e alterações de gestão, e se desenvolveram de forma mais regular e talvez com maior especificidade a partir do início do século XXI.

Um fator importante a ser observado no Museu é a questão dos problemas de continuidade da conservação preventiva, o que afeta diretamente a exposição e a troca entre o

Museu e o visitante, afinal, ao observar o acervo se deteriorando ou com possível perda de um determinado objeto, o público pode acreditar que a instituição não possui compromisso ou interesse algum com o que está ali exposto ou sob guarda.

A forma de exposição e o tempo em que várias peças ficam expostas são agravantes da conservação do acervo, algumas peças fazem parte da expografia há mais de vinte anos. O estado de conservação do prédio também prejudicou o acervo exposto durante um longo período, pois o telhado sempre apresentou diversas goteiras e muitas vezes a água da chuva atingia os objetos, principalmente se a chuva inicia à noite quando não há ninguém para melhor acomodar o acervo de modo que não seja afetado.

Nos primeiros 25 anos de existência do Museu, seu acervo foi tratado com diferentes práticas de conservação preventiva, o que fez com que surgissem vários problemas e até mesmo com que houvesse a aceleração da degradação de alguns. Para solucionar parte destes problemas, foi proposto um projeto para qualificação da documentação museológica[12] e revitalização da reserva técnica[13], o qual foi enviado ao programa "Caixa de Adoção de Entidades Culturais" [14], aprovado e tendo início em outubro de 2006.

O projeto consistiu no levantamento e na conferência do acervo e da documentação existente, além da elaboração de um novo Livro de Inventário, onde as peças receberam uma nova numeração e marcação definitiva; na organização de um Livro de Empréstimo; na revitalização da Reserva Técnica, com a instalação de arquivos deslizantes[15]; na higienização de todo acervo localizado na Reserva Técnica e em exposição; na confecção de fichas catalográficas[16], contendo uma breve descrição das características físicas do objeto, seu histórico, fotografias, entre outras informações importantes; assim como a digitalização do acervo tanto fotográfico como documental para a criação de um banco de dados digital.

Após a conclusão do projeto e a criação do banco de dados, no ano de 2008, o acesso de pesquisadores ao acervo do Museu tornou-se mais fácil, pois podem acessá-lo diretamente em arquivo digital, e não é necessário o contato direto desses com o acervo, tornando os processos de conservação propostos pela equipe de trabalho mais eficientes, já que o museu é freqüentemente procurado por alunos de diversos cursos de graduação, com a finalidade de pesquisa para trabalhos e monografias.

---

[12] Documentação museológica tem por objetivo proporcionar uma maior facilidade na pesquisa, além de documentar todas as práticas exercidas com o acervo, tornando-o contextualizado e seguro.
[13] Reserva Técnica é o espaço onde o acervo não exposto do acervo se encontra acondicionado.
[14] Programa da Caixa Econômica Federal, intitulado: Caixa Adoção de Entidades, que viabilizou à Associação de Amigos do Museu – AMBAR, o valor de R$ 73.534,00, para a revitalização planejada.
[15] São armários compactos, que armazenam o acervo de forma segura em menor espaço.
[16] Documentos onde se encontram as informações especificas de cada peça que compõe uma coleção.

A reserva técnica ainda não é ideal, mas destaca-se positivamente diante da realidade da maioria dos museus locais, e está em condições de acondicionar e armazenar acervos de uma forma mais eficaz do que antes do programa de revitalização, pois possui armários deslizantes que protegem o acervo de danos causados por poeira, umidade e até do fogo. Alguns objetos ainda estão acondicionados em estantes ou armários metálicos, já que os armários deslizantes não são suficientes para acondicionar o acervo da melhor maneira possível. Neste sentido de adaptação para o acondicionamento do acervo, as prateleiras foram forradas com tecidos para evitar o contato direto dos objetos com o metal e posteriormente as estantes foram cobertas com tecido de acidez praticamente nula, de cor branca, para amenizar a entrada de poeira e demais agentes degradantes.

Dispositivos de segurança foram adquiridos para a proteção da instituição: o alarme de segurança desde o ano de 2003 que proporciona uma proteção a mais contra roubos e danos semelhantes ao acervo, e com monitoramento remoto que foi recentemente complementado pela instalação de uma cerca elétrica. Incorporar estes dois equipamentos foi de fundamental importância principalmente porque a área onde está localizada a reserva técnica da instituição já foi alvo de arrombamentos anteriormente tendo sido subtraído um computador, comprometendo informações e atrasando o trabalho de documentação que os estagiários estavam executando.

Dentro destas revitalizações que o Museu da Baronesa sofreu, vale ressaltar que o interesse pelo desenvolvimento museológico se encontra presente na instituição, pois um administrador, ou uma equipe, desinteressada pela conservação ou pela documentação ou por qualquer área de atuação museológica específica pode acarretar a perda ou danos irreparáveis para com o acervo, no entanto o que se observa é que, apesar de ser uma equipe pequena, há discussão e planejamento de atividades a serem desenvolvidas e aplicadas com maior especificidades.

CAPÍTULO 3: AS MUDANÇAS NAS PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MUSEU DA BARONESA.

O Museu da Baronesa, como já foi dito, foi inaugurado em 1982 e desde esta data os trabalhos ali realizados não cessaram, pois as atividades de uma instituição museológica devem ser desenvolvidas de forma constante e quase sempre são repetitivas e semelhantes como, por exemplo, os trabalhos de conservação preventiva que serão apresentados neste capítulo.

3.1 - No Século XX (décadas de 1980 e 1990)

Entre as décadas de 1980 e 1990 as práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa foram desenvolvidas em sua maioria pelo Técnico em Museologia João Luís Vasques funcionário encarregado para tais atividades. O Sr. João relata que é formado em História e que possui o título de técnico em Museologia devido a um curso realizado no período compreendido entre 1994 e 1995, o que lhe daria autonomia para realizar atividades de caráter específico da profissão de museólogo.

Este funcionário, que cuidou da conservação do acervo e montou a exposição de longa duração durante quase 25 anos[17] no Museu, exerce a função de Técnico em Museologia na Prefeitura Municipal de Pelotas e atualmente trabalha no Memorial dos Ex-Prefeitos de Pelotas que se localiza no centro histórico da cidade.

Para conhecer as práticas implementadas na época realizou-se uma entrevista[18] com o mesmo, já que não há registros escritos deste período, a fim de que este estudo pudesse atentar de forma mais direta para as práticas de conservação preventiva na instituição.

Os dados obtidos permitem dizer que as atividades relacionadas à conservação preventiva eram entendidas de forma bastante ampla, tendo essas práticas um caráter quase doméstico. Há relatos de que à época da inauguração do museu, houve muitas intervenções, algumas bastante radicais na edificação, durante as atividades de reforma predial[19] e, paralelamente, nos objetos.

No início o museu possuia um acervo menor do que o que se encontra hoje na instituição. A parcela de objetos que existia na época passou por um processo de revitalização, onde se realizou a substituição de partes, o preenchimento com gesso e a

[17] O Sr. Jão Luís Vasques, trabalhou no Museu da Baronesa desde 1982 até meados de 2005, porém entre este período houve lacunas com duração de 2 a 3 anos em que se afastou por motivos pessoais.
[18] A entrevista foi realizada no dia 01/04/2010, pelo autor do trabalho, com duração de 1 hora possuiu caráter aberto, em que as perguntas foram seguidas apenas para orientar o relato.
[19] Como por exemplo a alteração das janelas do salão de festas que perderam a forma original, passando do estilo gótico para o estilo colonial..

aplicação de massas diversas, tanto na mobilia de madeira quanto nos objetos de decoração, por exemplo, espelhos, louças e molduras. Para melhor exemplificar o Sr. João diz:

> [...] eu fiz algumas interferências quando a Luciana[20] tava lá, a Luciana Reis, porque ela já restaurava algumas coisas, eu mexi foi em molduras, com orientação dela, a gente fazia um molde da moldura com cera, com cera de abelha, depois com parafina né, e depois com gesso, tem algumas molduras que tem alguns pedaços que foram repostos então foi eu e ela que fizemos juntos algumas molduras [...]

Desta forma, os objetos foram sofrendo alterações, devido à necessidade de expô-los com uma melhor aparência estética, para atender a expectiva do que as pessoas esperavam apreciar em museus neste período, vale ressaltar que isto ocorreu na década de 1980 e que este conceito de conservação e de restauro não vai ao encontro do ideário da conservação nos dias atuais. De acordo com o entrevistado, sempre houve uma preocupação com a conservação e a estabilidade dos objetos, mas ao mesmo tempo sempre houve um processo demorado para a obtenção de recursos e materiais específicos para higienização e acondicionamento dos acervos. Vasques também afirma que quando o museu foi inaugurado teve que fazer uma interferência grande, em uma pintura mural[21] localizada no alpendre do casarão:

> [...] a gente fez algumas interferências que eu não tinha consciência e o pessoal que foi para lá também não tinha essa consciência, por exemplo, aquele painel afresco que tem no museu que hoje está para ser restaurado, mas quando me chamaram para trabalhar lá, para inaugurar o museu em 82 eles me deram duas semanas para mexer naquilo ali, e eu não tinha a menor noção do que seria restauro ou coisa nenhuma, e eu como funcionário fui para fazer aquilo. [...] no prédio foi só no afresco mesmo, foi tirada a porta e eu tinha que completar aquela pintura, aquela paisagem, fazer sumir aquela porta [...]

Estas intervenções eram feitas para suprir necessidades emergenciais pois, de acordo com a pesquisa realizada, o processo de restauro era algo empiricamente aplicado, e entre a equipe de profissionais do Museu da Baronesa não se encontrara ninguém com conhecimentos na área. Estas intervenções impostas pelo governo para a abertura do museu, como conta Vasques, foram apenas para representar o belo, o estético, para ressaltar o imaginário da sociedade pelotense pela riqueza de detalhes que o patrimônio em geral apresentava.

---

[20] Luciana Renck Reis. Foi diretora do Museu Municipal Parque da Baronesa no período de 1993 a 1996.
[21] Anexo 01

A higienização dos objetos sempre foi feita de forma mecânica e com conceitos, como já supracitado, domésticos. Eram utilizados produtos químicos específicos para a madeira, como óleos e pastas, assim como os materiais básicos de conservação de acordo com relatos de Vasques:

> [...] era usado só o pincel tanto nos têxteis e no mobiliário, mas teve uma época que se passou óleo de peroba, depois uma cera, teve épocas que não se passou nada, pois se vai sofrendo influência de quem tá no comando uma diz passa aquilo, outra hora passa isso outra hora não passa nada (risos), então era basicamente só limpeza mesmo [...].

Estes produtos foram utilizados durante toda a década de 1980 e isto se estendeu pela década de 1990 com uma periodicidade de aplicação que variava entre semanal e quinzenal, de acordo com a disponibilidade dos funcionários, sendo que nesta época como contou Vasques, era basicamente ele quem fazia todo o trabalho de higienização do acervo, só para meados da década de 1990 é que foram surgindo estagiários vinculados a Universidade Federal de Pelotas e assim tornando o museu um espaço mais técnico e especializado.

Antes ainda desta parceria com a UFPel, se utilizavam muitas práticas de conservação a partir do que se ouvia falar, ou de informações recebidas de pessoas que tinham um conhecimento mais específico sobre conceitos museológicos, informações estas que geralmente vinham do Rio de Janeiro através de amigos, ou parceiros do museu vinculados a AMBAR, que tinham alguma ligação com museus nacionais, por exemplo. Através dos relatos do Sr. João, recebeu-se a informação de que os cuidados com os têxteis eram os mais variados, e as práticas de conservação dependiam de quem estava na coordenação, ele comentou que inclusive havia a prática de lavagem de têxteis, que era feita da seguinte forma:

> A Luciana é, algumas peças ela pediu para lavar, só com água e sabão de côco, ou de glicerina, mas só as roupas brancas as de cor não. A gente mexia e tirava dos armários de quinze em quinze dias, e colocávamos nos cabides e pendurávamos na rua né, na sombra, e depois recolocávamos nos armários, dobrávamos, ou enrolávamos, os cabides eram só cabides normais no início e depois começamos a forrar, mas isso foi a uns sete ou dez anos atrás. Era mais uma higienização mecânica do acervo mesmo.

Quando Vasques fala em armários, se refere a peças de mobiliário que integram o acervo do museu, e que eram utilizados para organizar e acondicionar as coleções, principalmente a de têxteis, sendo que nas décadas de 1980 e 1990 o Museu da Baronesa não contava com um espaço para uma reserva técnica, e por isso improvisavam formas de acondicionamento, como relata:

> [...] o museu não tinha uma reserva técnica, era sempre uma bagunça, então se aproveitavam daqueles armários grandes do quarto da Dona Sinhá e do Quarto da Déa para se fazer de Reserva Técnica, só que aquilo ficava atopetado de coisas, houve o tempo em que lá onde hoje é a Reserva Técnica, já foi, depois deixou de ser, e passou a ser uma sala de materiais pedagógicos, depois foi desativada e voltou para os armários e parará, sempre foi uma confusão, então nunca teve um espaço em si, apropriado para Reserva Técnica com controle de umidade, temperatura, eles sempre foram guardados nos armários de madeira, com prateleiras forradas com papel de seda e depois entre cada peça também papel de seda.

Na fala de Vasques é possível perceber que já neste período o processo de acondicionamento vinha sendo aplicado com uma preocupação maior com o acervo, em que papel de seda era utilizado para melhor acomodar a coleção, sem correr o risco de um têxtil manchar o outro, ou até mesmo para não entrar em contato com a madeira das prateleiras. O trabalho de acondicionamento do acervo nos roupeiros pertencentes a exposição de longa duração do Museu da Baronesa, perdurou pelas décadas de 1980 e 1990 e ainda no início do século XXI era possível encontrar peças da coleção em seus interiores.Para melhor exemplificar a fotografia abaixo retrata como eram acondicionadas as peças, especificamente os têxteis:

Figura 3 Fotografia: banco de dados do Museu da Baronesa.

Sabe-se que a conservação preventiva em um museu vai além de salvaguardar e acondicionar acervo em Reserva Técnica. Como o museu é um espaço público há uma série de problemas decorrentes disso com os quais se tem que lidar, como por exemplo, de que forma esse espaço é utilizado, ou de que maneiras os funcionários e os visitantes agem em relação ao não tocar ou ao não sentar no acervo e, ainda como esse acervo é visto pela sociedade.

Quanto a isso o Sr. João relatou que o museu era categórico em relação a não utilização do acervo como peças de uso cotidiano, e que o acervo era tratado como tal, como objetos de museu, embora, contraditoriamente, ele mesmo relate que quem determinava esses usos era a própria direção da instituição:

> [...] claro que houve umas situações complicadas lá no museu, mas isso quem determina é quem tá na direção, apesar de se ter uma orientação para que não, né? Houve uma época, que eu acho que foi na época da Luciana Reis, que foi feito um desfile em que elas usaram os chapéus, teve outra época em que o museu emprestou o prédio para ser rodado um filme, e aí se usaram algumas cadeiras, alguns objetos, mesmo a gente sabendo que isso

> não era possível, mas aí tu como funcionário, tu não pode impor tua opinião, quem manda é quem tá no poder [...]

Na maioria dos museus existem normas que devem ser respeitadas em relação ao acervo, porém muitas vezes estas não são verdadeiramente aplicadas e, por não sofrerem um gerenciamento qualificado ou com interesses em comum com a equipe de trabalho, o acervo é submetido a situações semelhantes a que relata Vasques. O profissional muitas vezes possui a preocupação devida com a conservação e a preservação do acervo, mas por motivos que o ultrapassam acaba por permitir outras práticas relacionadas aos mesmos, como é possível observar na fotografia (Fig. 3) abaixo que serve como elemento ilustrativo do relato do Sr. João:

Figura 4 Fotografia de eventos que aconteciam na década de 1980, retratando o uso de roupas e objetos do acervo do Museu da Baronesa. Fonte: Museu da Baronesa

Cabe comentar sobre essa imagem que a farda, o vestido, o mobiliário e também garrafas e taças fazem parte do acervo do Museu da Baronesa, sendo que os têxteis são datados do século XIX, ou seja, neste período já possuiam mais de cem anos de existência. Quanto as taças, são objetos de extrema fragilidade, que de acordo com a ética profissional não deveriam ter em hipótese alguma seu uso indevido permitido, podendo estes objetos museais deixar de existir ou de comunicarem um determinado periodo, como documentos materiais que são, em decorrência deste mau uso.

A qualificação e normatização das práticas de limpeza geral do Museu da Baronesa tem sido ainda mais difícil. Entre outras razões, porque este trabalho sempre foi realizado por funcionários da Prefeitura Municipal de Pelotas, contratados para serviços gerais[22], e as instruções de trabalho oriundas da equipe técnica nem sempre são acatadas e muitas vezes são consideradas impraticáveis pelos próprios funcionários, pois a disponibilidade de servidores para esta função é historicamnte bastante reduzida.

Assim no museu, onde as práticas de conservação devem ser aplicadas de maneira continuada, torna-se complicado exercer um trabalho qualificado de conservação sem manter uma manutenção aplicada pelos demais funcionários de forma equivalente. Exemplo disso é o caráter superficial do cuidado que os funcionários da limpeza do museu aplicam, devido à pequena oferta de profissionais e a não instrução adequada dos mesmos, que se expressa no não uso de luvas no trabalho com acervo, na aplicação de produtos nos pisos que acabam por atingir também os objetos museais, ficando estes com uma camada de cera dificil de remover, a movimentação de peças sem o suporte devido ou por uma extremidade mais frágil, entre outros.

Estes comportamentos são recorrentes até os dias atuais, o que mostra a necessidade, em uma instituição museológica, de um processo de qualificação profissional para as atividades desenvolvidas na mesma.

[22] Esta designação engloba desde jardinagem e pintura de paredes até a limpeza do Museu da Baronesa.

3.2 – No Século XXI (de 2001 a 2010)

No início do século XXI, a inserção de estagiários da Universidade Federal de Pelotas foi mais expressiva no Museu da Baronesa. O trabalho de conservação preventiva especificamente continuava a ser desenvolvido pelo Técnico em Museologia João Vasques, porém neste momento havia essa parceria com os estagiários que vinham de cursos distintos como História, Educação Física, Pedagogia, entre outros, que desenvolviam de certa forma um trabalho mais elaborado e diversificado, como cita Vasques:

> [...] no início era só eu, mas eu acho que um pouco antes da Carla[23], já começamos com os convênios com a Federal, com os cursos, não de museologia porque não tinha, mas vieram estagiários de outras áreas, da História, da Educação Física, da Pedagogia, e eles me ajudavam muito, quer dizer alguns me ajudavam, porque muitos ficavam ligados a área de educação [...]

O trabalho desenvolvido através dessa parceira proporcionou ao Museu da Baronesa um desenvolvimento de atividades voltadas à pesquisa cientifica, inserindo no dia-a-dia dos funcionários o hábito de anotar suas atividades, de elaborar roteiros de atuação, e mapear os problemas recorrentes. Em relação à conservação preventiva, possuiam uma tabela de atividades a serem desenvolvidas e os dias para atuação em cada sala e seus objetos respectivamente. Como é possível obeservar no diário de campo de 2002:

> Decidiu-se hoje que o trabalho no acervo será feito de forma racionalizada, um dia para estudo, outro para manutenção, outro para a organização dos têxteis com mesma utilidade, outro para a conferência do acervo e correção do registro. (13/06/2002)

No início, ainda em 2001 até meados de 2005, os processos de higienização da mobília eram aplicados com o auxílio de produtos químicos como óleo de linhaça, ou outros exemplos com textura cremosa própria para lustrar, estes eram aplicados quase que diariamente dentro do roteiro de atividades da equipe técnica, alternando as salas e os objetos dando uma sequência semanal para cada peça, de acordo com diários de campo obtidos na instituição.

Nos têxteis a prática de lavagem dos tecidos brancos foi mantida pelos funcionários com instrução do Sr. João Vasques entre 2001 e 2003. As roupas eram colocadas de molho, sem esfregar, com água e sabão neutro, e a água era trocada diariamente até o tecido clarear. Conforme os seguintes registros no diário de campo[24] de 2002:

---

[23] Carla Gastaud foi diretora do Museu da Baronesa entre os anos de 2001 e 2004.

[24] Os registros no diário de campo entre os aos de 2002 e 2005 eram realizados pelo funcionário Sr. João Vasques e pelos estagiários presentes neste período no quadro do Museu da Baronesa.

> Substituição do vestido de 1912 de filó (que foi para o molho para ser limpo) [...] 09/04/2002;
> [...] troca de água das roupas no molho para clarear. 10/04/2002;
> [...] troca da água que está com as roupas de molho [...] 16/04/2002

Os têxteis permaneciam acondicionados nos armários de madeira da coleção Antunes Maciel do Museu da Baronesa, situação que se manteve até o projeto aprovado pela Caixa para a "Revitalização da Reserva Técnica". Durante o período anterior ao referido projeto, o processo de higienização se dava de forma mecânica e similar ao citado nas décadas de 1980 e 1990, já havia um espaço para se formar uma Reserva Técnica, porém havia falta de recursos para a transferência integral do acervo a este local.

Figura 5 Foto: banco de dados do Museu da Baronesa: reserva técnica antes do projeto da "Caixa Adoção de Entidades"

Em 2003 e 2004 a conservação preventiva no Museu da Baronesa já era tratada com um processo para salvaguardar as condições físicas dos materiais, que englobava as melhorias do meio ambiente e dos meios de armazenagem e proteção, visava retardar a degradação dos materiais, de acordo com relatórios disponíveis na instituição, registrados por estagiários do Curso de História. A preocupação em propiciar ao acervo, condições estáveis de conservação esteve presente durante toda a trajetória do museu, porém a partir do século XXI é que foi se tornando mais específico e direcionado para os padrões atuais considerados.

Neste período se percebeu que as etiquetas adesivas para a numeração do acervo estavam prejudicando a estabilidade dos mesmos, pois a goma que as fixava possuía uma acidez elevada e a opção foi retirá-las e substituí-las por etiquetas de papel presas por um cordão. Sendo mais tarde também retiradas para a finalização da marcação definitiva do acervo com esmalte branco e caneta nanquim.

A partir do projeto de Revitalização da Reserva Técnica do Museu da Baronesa em 2005, com a inserção de acadêmicos do Curso de História e de Bacharelado em Museologia e a supervisão da Historiadora e Especialista em Museologia Nóris Mara Pacheco Martins Leal, foi desenvolvido um processo de acondicionamento e manutenção mais direcionado ao que se considera adequado nos dias atuias, para o manuseio foi estabelecido como indispensável o uso de luvas, de látex ou de algodão, e o uso de tapa-pós e máscaras. A higienização mecânica do acervo passou a se dar com o uso de pincéis de cerda macia e panos secos sem a aplicação de produtos químicos, a fim de apenas retardar o processo de degradação sem acarretar em intervenções ou alterações de originalidade das peças. Como se pode notar nas figuras abaixo:

Figura 6 Foto arquivo pessoal do autor: higienização do acervo

Figura 7 Foto: banco de dados Museu da Baronesa: Reserva Técnica atual

Já em Reserva Técnica com a aquisição de armários deslizantes referidos no capítulo anterior, para o acondionamento dos têxteis foi utilizado papel de seda entre cada peça, as prateleiras foram forradas com algodão crú primeiramente. Em seguida, o algodão foi trocado por TNT de cor branca por sugestão de Ivan Coelho, museólogo e conservador, professor da Unirio, devido à acidez deste ser inferior a do algodão. Para os têxteis que não são acondicionados em prateleiras, como fardas e vestidos devido ao seu extenso comprimento, foram utilizados cabides forrados com um estofamento de manta acrílica envolta em algodão crú para proporcionar uma estabilidade maior aos tecidos, evitando acidentes futuros como rasgos ou vincos e perda de alguma informação.

Os documentos são embrulhados em papel de seda, folha por folha e após o embrulho são colocados em um envelope de papel branco, que se considera mais alcalino entre os disponíveis no mercado de Pelotas e compatível com o orçamento proposto, estes envelopes são colocados em pastas de polietileno acondicionadas em estantes de metal forradas com mesmo TNT branco para evitar o contato com o metal e o meio externo. Em relação ao controle de umidade e oscilação da mesma, o museu dispõe de dois

desumidificadores e dois ventiladores dentro do espaço de Reserva Técnica como uma tentativa de retardar o processo natural de degradação das peças.

No que se refere ao público visitante da instituição, ficou estabelecido desde a inauguração que não é permitido tocar e ou utilizar qualquer peça do acervo, entrar com alimentos ou animais e não utilizar o "*flash*" das câmeras fotográficas. A questão do alimento vale também para o quadro de profissionais do museu que não devem consumir alimentos em locais de exposição ou de trabalho como reserva técnica e escritório.

O trabalho de limpeza geral requer um processo mais demorado para obter um resultado desejável, porém já se tem estabelecido que no espaço de Reserva Técnica e de escritório o trabalho de higienziação seja feito apenas pelos profissionais responsáveis por estes ambientes, evitando também o acesso de demais pessoas a estes locais, proporcionando uma maior segurança ao acervo acondicionado ali. Em relação ao acervo exposto, a indicação é que se usem apenas flanelas secas, e quando for necessário aplicar algum produto, que este seja indicado ou aplicado pela equipe responsável pela conservação.

O acesso aos espaços de acondicionamento de acervo, de documentos administrativos ou de banco de dados - tanto em meio digital, quanto em papel - fica restringido apenas à equipe técnica do museu, pois houve casos de subtração de peças em outros gerenciamentos, como por exemplo no período de 2002, e hoje o empenho é para que não torne a acontecer.

No final de 2009 e início de 2010 houve a execução do Projeto de restauro aprovado pelo PRONAC (06587) intitulado "Projeto de Restauração de Peças do Acervo do Museu da Baronesa" dirigido e executado pela Professora Restauradora Andréa Lacerda Bachetini e a Restauradora Naida Maria Vieira Correia juntamente com outros profissionais ligados ao curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas, onde 63 leques da coleção Adail Bento Costa, quatro telas à óleo, 17 peças do mobilário com folhamento a ouro e uma pintura mural da coleção da família Antunes Maciel foram contemplados com o processo de restauro e ainda em execução estão para retornarem ao espaço do Museu da Baronesa no final do ano de 2010. Retratando mais uma vez a preocupação que a equipe de profissionais da instituição apresenta em relação a preservação e conservação de seus bens culturais e proporcionando assim uma maior divulgação e estabilidade dos mesmos.

A conservação preventiva é um trabalho sequencial como já disse anteriormente, e não seria diferente no Museu da Baronesa. Desde o início do século XXI esta preocupação se mantém constante entre a equipe de profissionais de que a instituição dispõe, e hoje se trabalha com planejamento de atividades, conferências de acervo e reuniões periódicas para a organização e execução de trabalhos, juntamente com a direção da instituição e a orientação de professores do curso de Bacharelado em Museologia.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Considerando o foco principal desta pesquisa, as práticas de conservação preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa retomo minha afirmativa inicial de que o trabalho de conservação preventiva, de preservação e manutenção de bens culturais, tem como função manter a integridade física dos objetos, de documentos ou obras de arte, por exemplo, com o objetivo de prolongar a existência dos mesmos e assim protegê-los da degradação natural que todos sofrem ao longo dos anos e postergar a necessidade de intervenção e de restauro.

As práticas de conservação são atividades desenvolvidas metódica e sistematicamente, atentando basicamente para a higienização das peças, considerando sempre o material de que são compostas, e seu manuseio adequado. Também devem ser consideradas as causas naturais de degradação do acervo tais como a incidência de luz, a umidade relativa elevada, a fuligem, a trepidação e a oscilação de temperatura, pois são fatores que agravam e aceleram processos que podem conduzir à perda das peças.

É importante considerar que o Museu Muncipal Parque da Baronesa tem qualificado o tratamento que oferece ao seu acervo a partir de um foco, perceptível desde o início da instituição – embora as vezes o trabalho não seja aplicado de forma ideal e com as devidas precauções a serem tomadas sobre a conservação dos objetos, e trata os mesmos com os cuidados possíveis de manutenção e suporte. Isto de acordo com a realidade que a instituição vivencia, pois está vinculada à Prefeitura Municipal de Pelotas e entre orçamentos e projetos é que obtem materiais e verbas para a manutenção e acondicionamento de acervo.

Hoje o Museu da Baronesa é um elo importante entre os turistas e visitantes locais com o passado aristocrático do século XIX em que a cidade de Pelotas viveu, como por exemplo, o apogeu do Charque. Dentro dessa trajetória de 28 anos de existência da instituição, houve grandes oscilações conceituais, até se firmar a idéia de um museu-casa e se adotar esse discurso de elo identitário com o século XIX com mais ênfase. Esse é apenas um dos tantos processos de trabalho que uma instituição museológica desenvolve.

Dentro desses processos que o Museu da Baronesa deve desenvolver, fica o trabalho prático de documentação, de conservação, de pesquisa e de expografia, trazendo o foco da conservação especializada para qual o museu ruma, e assim procura obter um desenvolvimento técnico idelizado pela equipe de profissionais, e que cada vez está mais aparente e divulgado pelos meios de comunicação local.

O conceito de conservação preventiva aplicado no decorrer do trabalho serviu como forma de contrastar as distintas práticas existentes no Museu da Baronesa, sendo que estas foram aplicadas de formas diferentes ao longo do tempo, como foi relatado pelo Técnico em Museologia João Vasques. De acordo com o que foi visto é possível perceber que a preocupação com a estabilidade estética e original dos objetos esteve quase sempre em primeiro plano e consequentemente os processos de conservação preventiva e de preservação na instituição.

A proposta deste trabalho foi fazer presentes estas mudanças de conceitos e práticas de conservação preventiva existentes no Museu Municipal Parque da Baronesa durante sua trajetória de comunicação com o público, pois como já citado anteriormente os trabalhos aplicados ao acervo nem sempre foram registrados e esses distintos processos são de fundamental ajuda para um futuro restauro ou mesmo aplicação de novos conceitos preservacionistas. Não foi meu intuito comparar ou proporcionar um melhor destaque para algum determinado período ou profissional da instituição, pois se sabe que há mudanças de conceitos e novas tentativas de conservação quase que diários. Sendo assim não é relevante comparar técnicas e práticas antigas com atuais com o objetivo de condenar ou aprovar, pois o trabalho desenvolvido na instituição sempre passou por um processo de soma de empiria com teoria, ou seja, os trabalhos sempre foram aplicados de acordo com o que os profissionais sabiam a respeito do assunto somado ao que a teoria existente em cada período retratava sobre.

Vale ressaltar que o processo de conservação preventiva e as demais áreas de ação museológica só tomam um rumo mais direcionado para o ideal quando se tem uma direção que se interessa e apóia esse trabalho, pois como o próprio Sr. João citou “manda quem tá no poder”, é importante sempre se ter alguém capacitado para gerir uma instuição museológica, para entre outras atividades desenvolver projetos e planos de trabalho e assim proporcionar ao museu e ao seu acervo uma melhor estabilidade.

Anexo 01

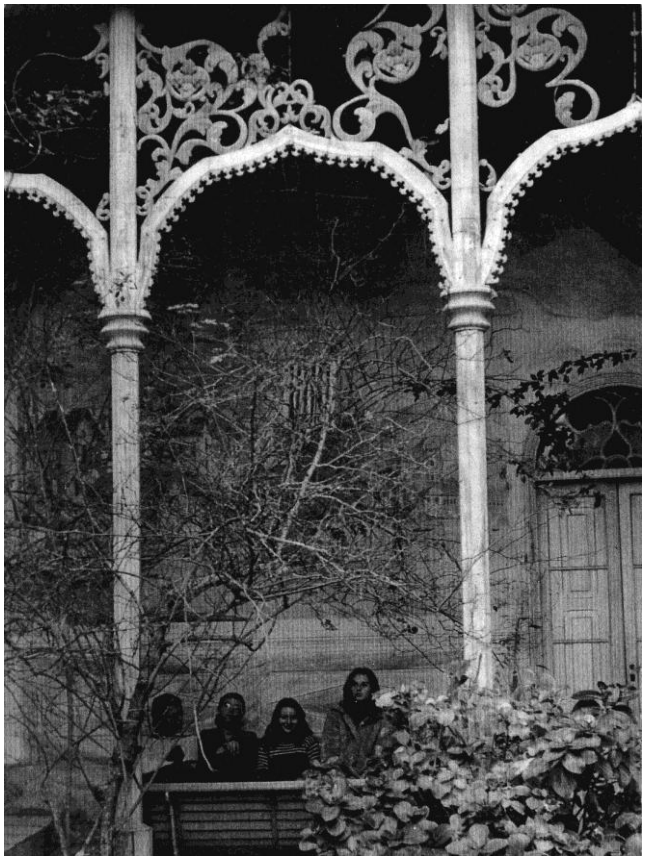

Figura 8 Pintura Mural antes da intervenção realizada pelo Sr. João Vasques na década de 1980, ainda com a porta.

Figura 9 Pintura Mural após a intervenção feita na década de 1980, onde a porta foi retirada.

Anexo 02

Figura 10 Montagem de fotografias, do processo de degradação da Chácara antes de ser doada à Prefeitura de Pelotas em 1978.

FONTES PRIMÁRIAS

- Consulta aos diários de atividades de estagiários referentes aos anos de 2001, 2002, 2004, 2005, 2007, 2008, 2009 e 2010;
- Realização de Entrevistas Orais, com o Sr. Oswaldo Antunes Maciel (bisneto dos Barões de Três Serros) e com o Sr. João Luís Vasques (ex-funcionário do Museu Municipal Parque da Baronesa);
- Acesso ao banco de dados digital do Museu da Baronesa, bem como fotografias antigas, documentos de tombamento, de registro e controle de acervo, e também o acesso ao "docmusa" programa que é utilizado para organizar as fichas catalográficas digitais;
- Análise de documentos adminstrativos, referentes a visitação, ao gerenciamento e documentos com informações da Família Antunes Maciel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O Colecionismo Ilustrado na Gênese dos Museus Contemporâneos. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. 33, Rio de Janeiro, 2001

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. **Museus, instrumentos de memória**; Rio de Janeiro, 2001

CANCLINI, Nestor G. Culturas hibridas**,** poderes oblíquos**.** In: **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1997 p.238-350

CHAGAS, Mário. No museu com a turma do Charlie Brown. In: **Cadernos de Museologia (2)** Lisboa. Centro de Estudos de SocioMuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1994 p: 49-65

Caderno de Diretrizes Museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2ª edição.

FRONER, Yacy-Ara. Tópicos em Conservação Preventiva 8, **Reserva técnica** /– Belo Horizonte: LACICOR− EBA − UFMG, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo. Vértice. 1990

HUYSSEN, Andreas. Escapando da Amnésia. In: **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional.** Rio de Janeiro: IPHAN, n. 23, 1994.

ICOM. **Mesa-Redonda de Santiago do Chile - 1972**. In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.

_____. **Declaração de Caracas - 1992.** In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.

_____, **Código de ética para museus.** Disponível em: <http://www.icom.org.br/codigo_etica_port.pdf> Acesso em: 19 jan. 2010

LEAL, Noris. **Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um Museu Municipal 1982 a 2004.** 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, UFRGS, Porto alegre. Orientadora: Maria Luíza

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história da cidade de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: UFpel/Mundial, 1993

MENDES, Marylka; SILVEIRA, Luciana da; BEVILAQUA, Fatima; BAPTISTA, Antonio Carlos Nunes, **Conservação: Conceitos e Práticas,** UFRJ Editora, 2001.

PAULA, Débora Clasen de. **"Da mãe e amiga Amélia": cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)** 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Unisinos, São Leopoldo. Orientadora: Eliane Cristina Deckmann Fleck.

POSSAS, Helga C. G. **"Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural".** In Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Betânia G. Figueiredo(Org.).Belo Horizonte 164.

SOUZA,Luiz Antônio Cruz;, ROSADO. Alessandra; FRONER, Yacy-Ara (org). Tópicos em Conservação Preventiva 1, **Roteiro de avaliação e diagnóstico de conservação preventiva** / − Belo Horizonte: LACICOR − EBA − UFMG, 2008.

SOUZA,Luiz Antônio Cruz;, ROSADO. Alessandra; FRONER, Yacy-Ara (org). Tópicos em Conservação Preventiva 3, **Preservação de bens patrimoniais: conceitos e critérios** − Belo Horizonte: LACICOR − EBA − UFMG, 2008.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz, FRONER, Yacy-Ara, Tópicos em Conservação Preventiva 4, **Reconhecimento de materiais que compõem acervos** − Belo Horizonte: LACICOR − EBA − UFMG, 2008.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz, Tópicos em Conservação Preventiva 5, **Conservação preventiva: controle ambiental** - Belo Horizonte: LACICOR - EBA - UFMG, 2008.

TISSOT, M., CARVALHO, G., AMARAL, J. SOUZA, C.B., CAMACHO, C. (coord.) (2008), **Plano de Conservação Preventiva – Bases Orientadoras, Normas e Procedimentos**, col. Temas de Museologia, ed. Instituto dos Museus e da Conservação - I.P., Lisboa.